



Romaria da Bíblia: narrativas de lutas, sonhos e religiosidades

*Peregrinación de La Biblia: narrativas de luchas,
resistencias, sueños y religiosidades*

*Pilgrimage of the Bible: narratives of struggles, resistances,
dreams and religiosities*

Avacir Gomes dos Santos Silva

Universidade Federal de Rondônia
avacir.santos@unir.br

Fernanda Alexandre

Instituto Abaitará
Pimenta Bueno - Rondônia
alexandre.fer@gmail.com

Resumo: A Romaria da Bíblia, que ocorre há 35 anos em São Felipe d'Oeste (RO), é um fenômeno do catolicismo popular, com nuances geográficas, políticas e culturais. Procuramos compreender esse fato relacionando-o à colonização e as hierofanias, que significaram "Água Santa" como espaço sagrado, de lutas e de resistências pela conquista da terra. Para metodologia da pesquisa recorreremos aos procedimentos da etnografia e da história oral como técnica para sistematização das narrativas dos romeiros, colaboradores da pesquisa. Para a compreensão das relações entre os ritos, símbolos e significados da religião recorreremos as contribuições teóricas de Durkheim (2008), como as formas de organização religiosa mantém a coesão social, Mircea (2010), a diferenciação entre espaço sagrado e profano, Rosendahl (1999 e 2018) as manifestações da cultura nos espaços sagrados e Santos Silva (2021), como o sagrado se manifesta por meio dahierofania. Dessa feita, consideramos que a romaria, por um lado, resultou da luta e da organização dos pequenos colonos. Por outro, a atuação dos agentes da Igreja Católica e as manifestações do sagrado foram fundamentais para legitimar as práticas religiosas. Nesta primeira metade do século XXI, as ritualizações, os símbolos e os significados, que foram sendo agenciados

ao espaço da “Água Santa” e na celebração da Romaria da Bíblia mantêm vivos na memória dos romeiros o espírito de irmandade e fé cristã.

Palavras-chave: Romaria, Colonização. Espaço Sagrado. Religiosidade.

Resumem: La Peregrinación de la Biblia, que se realiza desde hace 35 años en São Felipe D`Oeste (RO), es un fenómeno del catolicismo popular, con matices geográficos, políticos y culturales. Tratamos de entender este hecho relacionándolo con la colonización y las hierofanías, que significó “Agua Santa” como espacio sagrado, de luchas y resistencias por la conquista de la tierra. Para la metodología de la investigación, recurrimos a procedimientos etnográficos, se utilizó la historia oral como técnica para sistematizar los relatos de los peregrinos, colaboradores de la investigación. Para comprender las relaciones entre los ritos, símbolos y significados de la religión, utilizamos los aportes teóricos de Durkheim (2008), cómo las formas de organización religiosa mantienen la cohesión social, Mircea (2010), la diferenciación entre espacio sagrado y profano, Rosendahl (1999). y 2018) las manifestaciones de la cultura en espacios sagrados y Santos Silva (2021), cómo lo sagrado manifestándose a través de la hierofanía. Esta vez, consideramos que la peregrinación, por un lado, resultó de la lucha y organización de los pequeños pobladores. Por otro lado, la acción de los agentes de la Iglesia Católica y las manifestaciones de lo sagrado fueron fundamentales para legitimar las prácticas religiosas. Actualmente, los rituales, símbolos y significados que se han promovido en el espacio de “Água Santa” y en la celebración de la Romería de la Biblia mantienen vivo el espíritu de fraternidad y fe cristiana en la memoria de los peregrinos.

Palabras-claves: Peregrinaje. Colonización. Espacio Sagrado. Religiosidad.

Summary: The Pilgrimage of the Bible, which has been taking place for 35 years in São Felipe D`Oeste (RO), is a phenomenon of popular Catholicism, with geographic, political and cultural nuances. We sought to understand this fact by relating it to colonization and hierophanies, which meant “Holy Water” as a sacred space, of struggles and resistance for the conquest of the land. For research methodology, we resorted to ethnography procedures the oral history as a technique was used to systematize the narratives of the pilgrims, collaborators of the research.

To understand the relationships between the rites, symbols and meanings of religion, we use the theoretical contributions of Durkheim (2008), how the forms of religious organization maintain social cohesion, Mircea (2010), the differentiation between sacred and profane space, Rosendahl (1999). and 2018) las manifestations of culture in sacred spaces and Santos Silva (2021), with the sacred manifesting itself through hierophany. Therefore, we consider that the pilgrimage, on the one hand, resulted from the struggle and organization of the small settlers. On the other hand, the action of the agents of the Catholic Church and the manifestations of the sacred were fundamental to legitimize religious practices. Currently, the rituals, symbols and meanings that have been promoted to the space of "Holy Water" and in the celebration of the Pilgrimage of the Bible keep the spirit of brotherhood and Christian faith alive in the memory of the pilgrims.

Keywords: Pilgrimage. Colonization. Sacred Space. Religiosity.

Me disseram, porém, que eu viesse aqui,
pra pedir de romaria e precepaz nos desaventos.
Como eu não sei rezar, só queria mostrar meu olhar,
meu olhar, meu olhar (Renato Teixeira, Romaria, 1977)

Introdução

O último domingo do mês de setembro é a data definida, há mais de 35 anos, para a realização da Romaria da Bíblia, no município de São Felipe d'Oeste. Por volta das 07:00h, os romeiros chegam em caravanas ou sozinhos, pessoas de "caminhada" de longas datas, ou iniciantes, que deixaram seus lares na madrugada do domingo e se propuseram por variados motivos a participar da celebração em rememoração da luta, conquista e permanência na terra.

Esses romeiros em procissão sob o sol, com chapéus e os coloridos das sombrinhas fazem a caminhada penitencial, de acordo com as vivências do povo no que tange as injustiças e disparidades econômicas, sociais, ambientais e políticas. O lugar sacralizado para a realização da "Romaria da Bíblia" é denominado Água Santa, para esse local que a caminhada de 2 km se direciona, lembrando os fatos vividos e celebrados pelos camponeses durante o processo de Colonização Dirigida, implantado em Rondônia por volta dos anos de 1970 e 1980.

O processo de colonização do Território Federal de Rondônia fez parte da máxima "integrar para não entregar". Segundo Oliveira: "Rondônia transformou-se assim, no maior receptor do excedente populacional do país" (2010, p. 33). O governo, por meio de campanhas incentivadoras, como: "Rondônia o Novo Eldorado", gerou um intenso e desorganizado deslocamento migratório para a região.

Diversos municípios que estão localizados no eixo da BR-364 são provenientes dos projetos de colonização, como o PIC (Projeto Integrado de Colonização), PAD (Projeto de Assentamento Dirigido), PA (Projeto de Assentamento Rápido) (Santos Silva, 2014). Outras cidades foram oriundas de ocupações de terras, seguidos por projetos de Reforma Agrária, como no caso de São Felipe d'Oeste, que em 1980 vivenciou a ocupação das terras da fazenda São Felipe, com a culminância de violentos conflitos.

Da ocupação das terras da fazenda São Felipe até a emancipação do município o período foi marcado por disputas, conflitos, resistências e manifestações religiosas, às margens de um pequeno córrego. Esses atos possibilitaram que o local, como defende Rosendahl (2018), fosse transformado em um espaço sagrado.

A pesquisa realizada a partir da referida temática teve como foco compreender as espacialidades da romaria, por meio das vivências dos romeiros. Para tal anseio, lançamo-nos paralelamente a análise do processo de colonização dirigida na região da Fazenda São Felipe o levantamento e descrição dos símbolos, e significados desses na Romaria da Bíblia.

No primeiro momento recorreremos a etnografia: “empregada à descrição de uma manifestação cultural, [...] buscando informações mediante o contato direto com determinado grupo cultural (Gil, 2010). O contato com os colaboradores perpassou por etapas e procedimentos adaptados e necessários seguindo as normas de segurança e saúde em decorrência da pandemia provocada pelo covid-19.

No momento da pesquisa, que antecedeu o período pandêmico, desenvolvemos a sistematização do referencial teórico; levantamento bibliográfico a respeito da colonização dirigida em Rondônia; a pesquisa participante, por meio do acompanhamento da organização e da realização da Romaria da Bíblia; e identificação dos atores colaboradores, conhecidos como os pioneiros na Romaria da Bíblia.

Quanto à indicação dos colaboradores optamos pelos que atuaram na Romaria da Bíblia desde os primeiros anos. A exemplo da Irmã Augusta que relembra: “nós vínhamos e dormíamos aqui nas casas, duas a três noites com eles. Tudo pessoal que vinha de fora a procura de uma terra” (30ª Romaria da Bíblia, 2016). Para este escrito foram utilizadas as histórias de oito pessoas: José Freire Cardoso, Vital Torres Neto, Edson Fiene, Irmã Augusta, José Mendes Filho, Pe. João Zanotto, Eunice dos Santos e de Irmã Dolores.

As narrativas dos colaboradores constam do acervo da Diocese de Ji-Paraná, das seguintes romarias: 8ª Romaria da Bíblia ano de 1994, 11.ª Romaria da Bíblia ano de 1997, 15.ª Romaria da Bíblia ano de 2001, 25.ª Romaria da Bíblia ano de 2011, 30.ª Romaria da Bíblia ano de 2016 e 34.ª Romaria da Bíblia ano de 2020. Material disponível em: <https://www.diocesedejiparana.org.br/videos.html?pg=9>. Acesso em 04 de abril de 2020.

No anseio de analisar a relação da colonização rondoniense e os fatos da Romaria da Bíblia tivemos como colaboradores, pessoas que vivenciaram esse processo de organização, caracterização e simbolização da Romaria da Bíblia durante a década de 1980. A partir daquelas narrativas passamos a compreender, com quais referências eles simbolizam e sacralizaram o espaço geográfico denominado de Água Santa.

Em vista da importância da contribuição dos romeiros para a realização da pesquisa optamos por apresentar as narrativas deles a partir do mesmo tratamento dado aos autores teóricos. As falas dos colaboradores são contextualizadas nas citações diretas. Assim, garantimos a eles o lugar de agentes da história, que eles vivenciaram e vivenciam na Romaria da Bíblia.

Este artigo está organizado três momentos: no primeiro apresentamos a contextualização do município de São Felipe d'Oeste (Rondônia); na sequência apontamos as espacialidades que marcaram o surgimento da Romaria da Bíblia. No último item indicamos elementos, que de acordo com o nosso olhar são os símbolos mais significativos da romaria: a Bíblia e a cruz; a Terra e a Água; o ato de caminhar; e, por fim, o corpo enquanto receptáculo do sagrado.

Esperamos que as narrativas aqui socializadas possam contribuir para o acervo documental das várias e diferentes histórias daqueles que migraram em busca do sonho da terra e aqui, por meio de lutas, resistências e religiosidade fundaram um elemento único na espacialidade rural rondoniense.

Contextualização de São Felipe d' Oeste

São Felipe d'Oeste está localizado na mesorregião do leste rondoniense, numa área de 541,647km². Segundo IBGE (2023), a população estimada é de 5. 258 habitantes. A base econômica está pautada na agricultura, de estrutura fundiária, que consta cerca de 1.500 famílias, com lotes de até 25 hectares(EMATER, 2021)¹.

Ao andar pelas ruas, linhas e travessões que compõem o desenho da malha urbana e rural de São Felipe d'Oeste, é visível a miscelânea de

1 Informações levantadas durante o trabalho de campo junto ao escritório da EMATER (Entidade Autárquica de Extensão Rural e Assistência Técnica) do Município de São Felipe d'Oeste, em 2021.

grupos culturais, que formam a população filipenses. Em uma mesma linha é possível encontrar famílias oriundas de diferentes regiões e que impulsionadas pelo sonho “da terra prometida”, incentivadas por campanhas governamentais e pelo “ruído de que as terras em Rondônia eram baratas” (Santos Silva, 2014), se deslocaram para o norte do Brasil, especialmente para a parte sudoeste da Amazônia ocidental.

A conquista das terras na região de São Felipe d’ Oeste envolveu diferentes atores e situações. Pelas narrativas dos líderes comunitários podemos compreender os motivos dos conflitos. Segundo o senhor Vital: “Com a chegada do pessoal, vindo de vários lugares do país em busca de um pedaço de Terra, de produzir e encontrando essa área muito grande, era uma área devoluta, porque não tinha produção, só tinha extração de madeira, não tinha produção (30ª Romaria da Bíblia; 2016).

Na narrativa do senhor Edson Fiene encontramos a continuidade da história: “existiam muitos conflitos e o principal era nesta fazenda São Felipe que era muito grande e eles exploravam muita madeira e eles não aceitavam perder essa terra e maneira nenhuma”(30ª Romaria da Bíblia; 2016).

No ano 1983 ocorreu a desapropriação das terras, declaradas como áreas de interesse social. Em 1994 foi criado o município de São Felipe d’oeste, por meio do desmembramento do município de Pimenta Bueno. A colaboradora Irmã Augusta durante sua narrativa relata a prática daquele processo,

O INCRA já tinha feito os picadões, onde o pessoal entrava por aquelas picadas. Em alguns lugares o INCRA já estava distribuindo as terras e em outros lugares era área das fazendas. Na região havia muitos conflitos, nós sabíamos disso, mas, nós sabíamos também que o povo organizado podia vencer para ganhar as próprias terras (30ª Romaria da Bíblia; 2016).

Entre esses emaranhados de situações ocorreram muitos conflitos envolvendo os grupos de posseiros e fazendeiros, que disputavam a posse das terras, os primeiros munidos de armamentos e os segundos apenas com a fé em Deus. Na área territorial de São Felipe, esses acontecimentos impulsionaram a organização em torno de um elemento comum, a religiosidade.

A religião é coisa iminentemente social. Assim sendo: “é uma representação de toda e qualquer forma de organização social. Sem coesão não existiria religião” (Durkheim, 2008, p. 04). As representações religiosas são sempre coletivas e exprimem realidades vividas nos agrupamentos humanos. A religião de acordo com Almeida: “deve ser concebida como um produto situada sempre em um determinado espaço-temporal” (2018, p. 61). A religião é um componente principal da tradição e constitui outra dimensão da identidade social dos grupos culturais mais coesos.

Dessa forma, pensar sobre a origem do município de São Felipe é, simultaneamente, contextualizar a Romaria da Bíblia, pois ambos os espaços têm como origem comum as terras da Fazenda São Felipe, das quais, por meio de diferentes atores, surge esse fenômeno religioso e cultural, que influenciou a configuração geográfica do município e ainda influencia as vivências religiosas de devotos, que se organizam em comunidades para cantar, rezar e rememorar os tempos de luta e glória da conquista da Terra Prometida.

As espacialidades da Romaria da Bíblia

A Romaria da Bíblia apresenta características peculiares de sacralização e espacialidades, o espaço central de ocorrência desse evento se localiza na área rural do município de São Felipe d'Oeste, na linha 45, km 3, sentido Primavera de Rondônia.

O trajeto da romaria tem três pontos de referências: a Comunidade São Cristóvão (linha P.10), a Comunidade Nossa Senhora das Graças (linha 45), e o ponto de culminância o corego denominado de “Água Santa”, o espaço sagrado da hierofania.

A espacialidade da Romaria da Bíblia corrobora a ideia de Rosendahl (2018), que nos indica essa configuração em relação ao espaço sagrado, como aquele constituído por dois espaços fundamentais: o ponto fixo, reconhecido pelos grupos de devoção; e por seu entorno, que é uma área utilizada para o devoto realizar suas práticas religiosas e o roteiro da peregrinação ou da romaria.

A Romaria da Bíblia, que resulta de vários fatores sociais, religiosos e históricos, em 2021 completou 35 anos de caminhada às margens do córrego Água Santa. Essa manifestação de religiosidade surge do povo,

inspirada pela fé na Bíblia e propagada pelos agentes pastorais da Igreja Católica na década de 1980, na diocese de Ji-Paraná, junto as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), como nos é apresentado por Teixeira,

O caso das CEBs evidencia a trajetória de indivíduos que se reafiliavam a uma mesma tradição, que redescobrem uma nova identidade religiosa, até então mantida formalmente. A inserção nas CEBs provoca em âmbito vital uma reorganização ética e espiritual. Os participantes das comunidades passam a compartilhar uma nova identidade (fala-se em “novo jeito de ser Igreja”), reorganizam seu “aparelho de conversa” sob novas bases e estabelecem uma nova relação com o sagrado, que implica agora a centralidade da conscientização, um novo compromisso ético e político e a ênfase na participação em lutas populares (Teixeira, 2005, p.20).

O povo encontrava nas CEBs uma forma de se fortalecer enquanto grupo e resistência, especialmente quando os conflitos eram iminentes: “Através de encontros da Boa Nova e da CPT (Comissão Pastoral da Terra) as comunidades foram despertando e começaram a reagir ocupando novamente a área, e muitos faziam suas marcações por conta própria” (José Mendes Filho, 8ª Romaria da Bíblia, 1994).

A igreja por vias da atuação do Pe. João Zanotto foi fundamental para que a organização entorno da religiosidade fosse fortalecida, o líder comunitário Vital Torres Neto destaca qual foi o objetivo e como a igreja atuava,

Com a missão da igreja em defesa do pobre a paróquia Nossa senhora de Fátima se colocou a disposição do povo. Naquele tempo nós tinha 03 objetivos, a paróquia tinha 03 objetivos aqui: era a organização, a defesa da vida e pela busca da terra, porque o padre João dizia, a terra é de todos, pega cultiva e tira dela o seu pão. Então essa era uma missão da igreja. E a outra missão era a organização através da luta e dos sindicatos, foi quando começo a criação dos sindicatos e das associações também. E tudo isso foi uma missão que a igreja assumiu, então a igreja estava presente em tudo nesses movimentos (Romaria da Bíblia, 2020).

A Igreja não atuava isolada, ela seguia o movimento de opção pelos pobres, que influenciava toda a América Latina, como nos relembra o líder comunitário Edson Fiene: “Quando eu vim do Espírito Santo para cá tinha acontecido, estava bem fresquinho ainda o documento de Puebla. O principal objetivo dele era a opção preferencial pelos pobres” (30ª Romaria da Bíblia, 2016).

Devido à atuação da igreja, das CEBs e dos sindicatos, os trabalhadores se fortaleceram em torno da luta da terra. Segundo as narrativas de José Mendes Filho, foi um processo de ocupação, despejo e reocupação,

O povo dizia: essa semana houve um despejo e nós vamos ter que arrumar algum local para este povo ficar. Aí alguns que tinham alguns barraquinhos, outros na beira da estrada, arrumava um jeitinho, fazia uns barraquinhos de folhas e aquelas famílias vinham. Então a gente sentia que era, muito dolorido o povo sair das terras e ser despejado e ficar nas comunidades, dependendo das comunidades dando aquele apoio (José Mendes Filho; 30ª Romaria da Bíblia, 2016).

A Romaria da Bíblia marca o *in illo tempore*, o tempo do princípio, do começo, quando algo surgiu, o tempo de um acontecimento, que a partir dele se inaugura uma nova era. Os rituais e ritos da romaria rememoram os tempos de luta dos pequenos trabalhadores rurais contra os grileiros e jagunços, que a mando dos latifundiários expulsavam os pequenos agricultores das terras, e caso se recusassem a abandonar o lote, acabavam mortos.

Aquela manifestação, além de celebrar a trajetória histórica, foi e continua a representar as lutas, as crenças, as visões políticas e religiosas de um povo, que parte de um contexto particular para o mais amplo. Os temas e os lemas que identificam cada ano de realização da Romaria da Bíblia refletem as realidades da conjuntura social, cultural, econômica e ambiental do Brasil.

A materialidade do sagrado: símbolos e significados da romaria

As romarias surgem no Brasil oriundas do catolicismo português com as peregrinações motivadas pelas crenças populares reivindicativas, características de expressões singulares da cultura, na qual são realizadas. Assim, as romarias, segundo Carvalho: “transcendem fronteiras e atraem por força do impulso sagrado, em correlação com outras dimensões e são singulares nas paisagens que esboçam por meio das relações dos fiéis com o sagrado” (2014, p. 17). Nesse sentido, podemos identificar na Romaria da Bíblia os elementos referentes às dimensões simbólica, espiritual e espacial, os quais a interliga a outras romarias e ao mesmo tempo aos ritos peculiares de identidade, que se voltam aos símbolos materiais e imateriais.

Quais são os símbolos e os significados que caracterizam a Romaria da Bíblia por sua identidade simbólica? Por que nomear por esse nome tal fenômeno? Qual a relação da Bíblia com a luta daqueles migrantes? São muitos os anseios, os sonhos e as histórias, que coletivamente constituem esse processo religioso, no espaço rural rondoniense com suas significações imagéticas, que serão apresentadas a seguir.

A Bíblia e a Cruz

Os signos fundantes da Romaria da Bíblia advêm do seguinte princípio secular: “a terra é de todos, e a terra é de quem trabalha nela, aí a Bíblia era aquela que dava a resposta ao povo, que precisávamos lutar, aquela luta de fé” (Irmã Augusta; 30º Romaria, 2016). Conduzidos por essa crença os posseiros fortaleciam o sentimento de irmandade.

A Bíblia é um dos símbolos móveis, que acompanha todas as etapas de realização da romaria. Ela é apresentada aberta, em um andor ornamentado com fitas coloridas de cetim e flores naturais, e carregada por pelo menos duas pessoas (Ver figura 01).



Figura 01: Romeiras/os transportam a Bíblia na 28ª da Romaria da Bíblia.

Fonte: fotografia da autora Fernanda Alexandre (2014).

A Bíblia passou a ser o signo central da romaria. Essa simboliza a palavra sagrada, que conduz e ilumina o povo na luta pelos seus direitos. A Bíblia marca também a presença da Igreja, em uma manifestação religiosa praticada por leigos. Na hierarquia da Igreja Católica leigos são mulheres e homens, que sem a formação sacerdotal, são elite pela comunidade cristã para o exercício das atividades religiosas, quando da ausência de um pároco, que também podem ajudá-lo durante as celebrações.

Outro símbolo presente é a cruz (móvel) ou cruzeiros (fixadas durante o trajeto da romaria). O grupo indicado para carregar esse símbolo varia conforme o tamanho da estrutura de madeira da cruz, sempre ocorre o revezamento entre aqueles que se propõem a participar desse ato de força e fé. (Ver figura 02).



Figura 02. Romeiros carregam a cruz na 11ª da Romaria da Bíblia.

Fonte: Lígia Toledo (1997)

A cruz, seja ela, conduzida durante a caminhada, seja o cruzeiro fixo no espaço denominado Água Santa, são usadas de acordo com o tema e lema refletidos a cada ano, sempre traz o sentido da identidade da luta do povo pela conquista da terra. As cruzes fixadas ao longo do trajeto da romaria são a materialidade do marco territorial, que ao longo do trajeto ritualizam a sacralização do espaço de romaria.

A Terra e a Água

A terra é o elemento e o símbolo de luta, vitória e prosperidade pela qual sonhos e resistências são narrados. A conquista da terra motivou a vinda dos migrantes para Rondônia e redesenhou a trajetória deles no processo dinâmico de reterritorialização simbólica, espacial e espiritual. De acordo com Haesbaert (2004), ao se deslocarem para um novo ter-

ritório, este passa a ser reterritorializado, por meio de novos agenciamentos. É o que vai acontecer em São Felipe do Oeste.

Como lembra seu Vital: “eu vivi essa história a cada passo que nós demos da São João até aqui, também a cada passo que os trabalhadores deram em busca da conquista dessa Terra Prometida” (Vital Torres Neto; 34ª Romaria da Bíblia, 2021). A disputa pela terra, além da organização política dos pequenos agricultores, passou por novos agenciamentos simbólicos (a Água Santa), espiritual (a Cruz e a Bíblia) e espacial (as Comunidades Católicas e o trajeto da Romaria da Bíblia).

O espaço da Fazenda São Felipe foi reterritorializada pela luta e religiosidades dos pequenos agricultores rurais. Segundo Rosendahl: “a essência do sagrado é vivida pelo crente, com o sentimento total de dependência, respeito e confiança” (2018, p.78). Dessa forma, o processo simbólico reflete as características emocionais e físicas de cada lugar.

Esse sentimento é expresso na narrativa de Eunice dos Santos, representante dos jovens, que realizaram o sacramento da Eucaristia na primeira missa realizada às margens do córrego Água Santa, em relação a terra: “e graças a Deus, hoje estou com meu esposo com as minhas quatro filhas, formando minha família encima desta terra, tão sagrada para nós” (15ª Romaria da Bíblia, 2001).

O outro elemento da Romaria da Bíblia é a “água”, símbolo de vida, de benção, de renovação e revitalização, que surge após uma visita do Pe. João Zanotto a uma comunidade: “Ele veio celebrar na igreja São João, só tinha aquela comunidade, e tinha um pessoal para fazer a primeira eucarística, mês de setembro, e os posseiros aqui sendo ameaçados” (José Mendes Filho, 34ª Romaria da Bíblia, 2020).

Diante da situação de conflito, insegurança, medo e angústia, o padre convida os fiéis para irem ao encontro dos posseiros (os homens da comunidade e de outros locais que estavam acampados no local do conflito): “e aí se deu a caminhada com as cruzes, tinham poucos homens, a maioria mulheres e crianças, e era um número muito grande” (José Mendes Filho, 15ª Romaria da Bíblia, 2001).

Após a longa caminhada, seguida de orações: “a via sacra, a caminhada do povo, viemos celebrando, e quando celebramos a 14ª estação, padre João dizia aqui é a vitória, aqui é o momento de uma nova

vida” (Vital Torres Neto, 34ª Romaria da Bíblia, 2020). O povo sentiu sede e encontrou uma fonte de água, disposta na forma de um córrego, que passaria, a partir de então, a ser denominado de Água Santa,

Quando nós vínhamos na via Sacra e chegou no marco oito, o povo estava com muita sede, já era base de um meio dia, uma pessoa falo: ali logo tem uma água, aí nós chegemos até aqui na água, e todos tomamos da água, porque a água é sinal de vida, aí foi ponado o nome de Água Santa (João Pereira; 15ª Romaria da Bíblia, 2001).

Com a sede físicacorporal saciada, o povo resolveu saciar a sede espiritual, e assim celebraram juntamente com o Pe. João Zanotto a missa e o sacramento da Primeira Eucaristia, para os jovens da catequese, como narrou o colaborador José Mendes Filho,

Aí viemos caminhando, nesta estrada aqui oh! Era essa estradinha aqui e ali na frente nos celebramos, tomamos água, ele celebrou a missa, fez a primeira eucarística, alí na frente tinha uma coisa muito linda, era uma cerejeira de uns 70 cm de grossura de pé, então por isso que a gente diz: Essa água é Santa, esse Lugar é Sagrado, esse Lugar foi abençoado por Deus (comemoração à 30ª Romaria da Bíblia 2016).

Para Rosendahl (2018), a identificação do espaço sagrado ocorre de duas formas. A primeira envolve manifestação direta da divindade, uma aparição do divino, de um Deus ou deuses, uma hierofania, que será representada por meio da materialidade de certas coisas, objetos e pessoas ou elementos da natureza, como no caso da Romaria da Bíblia, por meio das águas do córrego denominado de Água Santa.

Na segunda forma, o espaço que na origem era profano pode ser transformado em sagrado, de acordo com Santos Silva (2021), em função dos rituais sacros ou de atividades do domínio religioso. No caso da Água Santa ocorreu um ritual sacro religioso, realizado pelo representante da igreja. Conforme é lembrado por Edson Fiene: “nesse dia foi batizado como Água Santa porque foi celebrada a primeira missa em solidariedade ao povo, que estava sendo ameaçado pelos jagunços e pelos fazendeiros” (Edson Fiene, 30ª Romaria da Bíblia, 2016).

No córrego Água Santa (Ver figura 03) é narrado um acontecimento em que se acredita haver uma manifestação divina. Eliade especifica tal fenômeno: “inúmeras vezes nem sequer há necessidade de uma teofania ou de uma hierofania propriamente ditas; um *signal* qualquer basta para indicar a sacralidade do lugar” (2001, p.30). O acontecimento em questão é o “Milagre do Trator”, o qual teria ocorrido após a celebração da primeira missa. O líder comunitário Vital Torres Neto narra o fato da seguinte maneira,

Eu estava voltando, também voltando junto com o padre João, a irmã Dolores e as família, mulheres e crianças daquela comunidade que veio com nós, celebramos e estávamos voltando, ali logo após, depois do marco 8, nos encontramos um caminhão, na época eu lembro até um F75, um F7mil um caminhão azul teto branco, que vinha para passar por cima do povo e o caminhão atolou, aí buscaram um trator para tirar o caminhão e continuar a perseguição, mas o trator também atolou (34^a Romaria da Bíblia, 2020).



Figura 03: Córrego Água Santa, momento de preparação para a 33^a Romaria da Bíblia.

Fonte: fotografia da autora (2019).

Na narrativa da agente pastoral Irmã Dolores, que acompanhava o Pe. João Zanotto e os membros da comunidade São João encontramos esse relato: “no caminho a gente encontrou alguns jagunços, quando nós chegamos numa altura e fomos caminhando aí tinha um trator, quando nós estávamos próximos já para passar, ele ligou o motor e veio para cima de nós. O motor empacou e ficou rodando, e não ia para frente”. O líder comunitário Edson Fiene complementa a narrativa e afirma,

Do nada esse trator ficou atolado em uma lama pequena que não justificava, mas o trator não conseguiu passar e aí não chegou onde o povo estava, que poderia ter acontecido um massacre muito grande. Por isso a gente considerou assim um milagre mesmo naquele dia. E por isso a gente chama de Água Santa (Edson Fiene; 30ª Romaria da Bíblia, 2016).

Segundo as narrativas do senhor Vital Tores Neto, o grupo dos romeiros relaciona esse acontecimento a uma manifestação divina, que foi fundamental para acentuar tanto a coesão social do grupo quanto a fé daqueles pioneiros,

Então esse foi um momento principal da nossa luta pela terra, foi Deus colocando a mão, assim como Deus através de Moises colocou a mão e abriu o mar Vermelho, Deus também colocou a mão e fez com que aquele trator parasse né! Então isso é um momento de muita fé para nós, principalmente para das comunidades aqui de São Felipe e da Paróquia Nossa Senhora de Fátima (34ª Romaria da Bíblia, 2020).

Fé na ação divina em favor dos oprimidos, dos desfavorecidos e do povo que perecia e lutava na floresta pela conquista da “terra prometida”. As situações e as experiências sensitivas aproximam os seres humanos de suas divindades. O contexto social em que aqueles migrantes viviam e a crença no ser Supremo ressignificaram uma luta profana (política) em uma conquista sagrada (a ação divina).

A caminhada: ato tipificador do romeiro

Em dia de Romaria da Bíblia, o segundo momento, a caminhada, acontece após a acolhida aos romeiros e romeiras. O significado de caminhar para cada deles varia, mas algo predominante é o sentido do ato de peregrinação, de contrição, de ato penitencial, de observar os atos humanos e ser convidado a remissão.

O andar sob o sol escaldante, em pleno verão amazônico, carregar o peso do andor e da cruz são manifestações do sacrifício religioso. O sacrifício, etimologicamente, vem do latim *sacrificium*, composto das palavras de *sacreficium*, que significam *sacro* (sagrado) e *ofício* (fazer). Logo o fazer sagrado, não é sofrimento ou penar, mas sim o dispor do corpo à serviço do sagrado. Para a mulher e o homem devotos, o sacrifício deve ser feito com desprendimento fé, devoção e alegria, (Ver figura 04).



Figura 04: Momento da caminhada na 32ª Romaria da Bíblia

Fonte: fotografia da autora (2018).

A motivação da caminhada é conduzida pela equipe de romeiros que “puxa/motiva” com orações, cantos e reflexões trazidas tanto pelo tema e lema da Romaria, quanto pela realidade social do momento, relembrando a primeira caminhada. Para Vital Torres Neto,

A cada momento nos parávamos para fazer uma reflexão né! Cantava aquele hino, o povo de Deus no deserto andava, então vinha cantando assim, esse hino e parava, fazia uma reflexão, aí o pessoal cortava uma vara, fazia umas cruces, amarrava de cipó mesmo, e fincava ali” (Vital Torres Neto, 30ª Romaria, 2016).

Durante a caminhada, parte do grupo de romeiros transporta os símbolos da romaria, especialmente, a Bíblia e a cruz. Outros símbolos podem variar conforme a proposta de cada ano, de modo que já foram inseridos: pote com água, velas, flores, rosários, bandeirolas, mudas de plantas, sementes, faixas, cartazes etc.

Depois da caminhada de aproximadamente 2 km, os romeiros, fiéis, devotos e visitantes chegam à localidade Água Santa. O final do trajeto é feito pela travessia do córrego “Água Santa”, sobre uma ponte de madeira, com aproximadamente três metros de largura e cinco de comprimento, na passagem, um grupo de romeiros organizadores da romaria, forma um grande corredor.

Quando as pessoas atravessam a ponte, os representantes da igreja, organizados em fileiras nos dois lados da travessia, aspergem água benta, com ramos verdes, sobre as pessoas. Ato que, segundo Rosendalh (1999), marca nitidamente, a travessia do espaço profano para o espaço sagrado. A água que corre no rio é Santa e a água aspergida nas pessoas renova, em cada cristão as forças para o fortalecimento da fé.

Corpos receptáculos do sagrado: símbolo em movimento

O corpo é elemento fundamental para viver a romaria. Estar em romaria é estar com o corpo em movimento e para o movimento. Desde a voz, pela qual se entoam orações, cânticos e louvores, aos pés que resistem a caminhada, até o corpo vestido com a “camiseta da Romaria”, tudo é ação.

A cada nova edição da Romaria da Bíblia, um símbolo é estampado nas camisetas, as quais constam a identificação da edição da romaria, o lema, o tema e uma arte (por meio do desenho), que completa a mensagem transmitida a cada ano. Os corpos dão vida às camisetas e aos seus

sentidos. Vestir-se com a camiseta representa além de pertencimento ao grupo de romeiros o sentimento de fé e devoção.

A Romaria da Bíblia é organizada pelas comunidades que formam a Paróquia Nossa Senhora de Fátima (município de Pimenta Bueno), mas essa vivência transcende os limites paroquiais, e diversas outras paróquias se juntam no dia da Romaria da Bíblia, seja pelos romeiros, que vêm em grupos ou caravanas e trazem o nome de suas comunidades estampados nas faixas, cartazes ou camisetas, seja por aqueles romeiros que vêm com suas famílias ou sozinhos para viver e celebrar aquele momento de fé.

Os corpos ainda são postos em movimentos na romaria por aqueles que tocam os instrumentos musicais, cantam, declamam suas poesias e fazem suas vozes e louvores ecoarem para os ouvidos dos presentes. Outros se ajoelham, tocam a água do córrego, o solo, as árvores, fazem suas preces, orações em forma de pedidos de graças e agradecimentos.

Os corpos manifestam diferentes movimentos que compõem a ato da romaria. No momento do almoço, algumas pessoas descansam sob as sombras das árvores, outras se unem ao novo movimento corpóreo. Os jovens são aclamados pelos animadores da romaria, dispostos em um grande palco, de carroceria de um caminhão, coberto de lona azul, eles animam os mais novos com cânticos e danças para louvar ao sagrado.

Aos poucos mais corpos vão se chegando, não demora muito, logo são dezenas de jovens, adultos e crianças que cantam, dançam, pulam, agacham, levantam, batem palmas, pulam para a frente, batem os pés, correm para um lado, pulam para trás, levantam os braços, correm para o lado oposto, gritam, rodopiam, rebolam, seguem os passos e ritmos das coreografias de outros corpos. Com esses movimentos ininterruptos a poeira do chão batido sobe e o suor desce dos corpos sobre o sol estarrecedor. Eles não se cansam, ao contrário, continuam em pleno *frenesi*, (Ver figura 05).



Figura 05: Momento de louvação durante a 33ª Romaria da Bíblia

Fonte: fotografia da autora Santos Silva (2019).

Os corpos se movimentam pelos sentidos da audição da música, da vibração dos instrumentos musicais tocados em alto volume e pela condução dos animadores. Mas por que as pessoas são tocadas e respondem aqueles movimentos frenéticos? A resposta corpórea dos sujeitos da Romaria da Bíblia é a mesma, que nos liga aos nossos ancestrais aborígenes, africanos ou australianos, quando dançavam, pulavam e cantavam em louvor as suas divindades (Santos Silva, 2019). Para a adoração do sagrado, quanto mais sentidos forem acionados maiores serão as manifestações de fé e louvores.

A exposição dos corpos se manifesta por meio da organização e coesão social. Assim: “a força religiosa não é outra coisa senão a força coletiva e anônima do clã” (Durkheim, 2008, p. 277). Aquilo que jamais um indivíduo conseguiria realizar sozinho, ele o faz em meio à multidão, pois tem ali a garantia do anonimato, no caso do ritos sagrados prevalece o sentido de irmandade unida pela força do sagrado.

A religião mantém-se como força e fenômeno eminentemente social. De acordo com Durkheim, “as representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas” (2008, p. 38). Dessa feita, a religião é uma representação presente nas várias formas

de organização social, sem coesão social não existiria religião. Sem a possibilidade do encontro de tantos corpos em um só espaço não existiria catolicismo popular e nem institucional.

A religião não é um ato solitário, individual, como canta Gilberto Gil: “se eu quiser falar com Deus tenho que ficar à sós”. Os deuses podem se manifestar na presença de um indivíduo isolado, mas a pessoa religiosa necessita do encontro corporal com outros corpos, que se unem em rituais de louvores, seja no espaço das igrejas, seja nos espaços abertos de uma romaria. Dessa feita, nesse tempo e espaço de encontros em *frenesi* a existência do sagrado é sentida plenamente pelo ser religioso no corpo, mente e coração.

Considerações finais

A religião é um fato social que se espacializa de acordo com as identidades culturais de cada grupo ou sociedade. As relações materiais e as formas como os processos econômicos são conduzidos pelos diferentes agentes caracterizam os usos e significados dos lugares sagrados.

As manifestações de crenças são fenômenos sociais, espaciais e temporais que refletem fatos sociais e reforçam uma identidade coletiva. Dessa forma, esta pesquisa se justificou por seu caráter histórico, social e patrimonial, destacando a relevância do “fenômeno” religioso no contexto rondoniense local e regional.

Ouvir, conhecer, participar, relacionar, entender, foram ações centrais para o processo inicial, no anseio de compreender a Romaria da Bíblia no seu contexto social e com as ritualidades e significados que ela possui para tantos atores. Nesta pesquisa, contamos com as narrativas dos colaboradores, muitas outras histórias podem ser reveladas, cantadas, narradas e significadas, pois essa história é sempre múltipla, assim como são as espacialidades sagradas.

O processo histórico que possibilitou o surgimento, composição e a organização da Romaria da Bíblia relaciona-se diretamente a estrutura econômica e social refletida no campo rondoniense durante o processo de colonização agrário, ocorrido nas décadas de 1970 e 1980.

O espaço territorial da Romaria da Bíblia foi demarcado há mais de três décadas, mas os significados vão sendo (re)construído e (re)ritualizado a cada nova romaria seguindo a dinâmica social no/do tempo e no/do espaço. Em cada romaria incorpora-se, recorda-se, propõe-se algo “novo ou diferente”, em um movimento de junção de passado/presente, de sagrado/profano e de memórias/narrativas.

Com as novas temporalidades, em tempos de Covid-19, surgiu um desafio para os romeiros: como realizar/celebrar a Romaria da Bíblia? Diante da impossibilidade de seguir a organização no formato tradicional, que era composto pelos ritos: acolhida das caravanas de romeiros, momento da memória, caminhada, benção da água, almoço, momento cultural e momento da missa, os leigos romeiros que formam a equipe de coordenação, com os agentes pastorais em exercícios pela Paróquia Nossa Senhora de Fátima buscaram outra configuração, que fosse possível manter a continuidade da romaria.

Por meio de reuniões *online* foram propostas as realizações da 34ª e a 35ª Romaria da Bíblia no formato virtual, com transmissão via *Faceboock* e *Youtube*, para que os romeiros pudessem acompanhar e celebrar os ritos da romaria com segurança. Em 2020 e 2021, a Romaria da Bíblia chegou a cada romeiro por meio da tecnologia, além da mística da Santa Missa, pode-se reviver a memória da Romaria da Bíblia, bem como outros momentos importantes que compõem essa manifestação religiosa.

De acordo com os protocolos de seguridade, o número de participantes foi limitado as equipes que atuaram em diferentes funções na organização do evento. A Romaria da Bíblia de forma virtual teve seu tempo programado para 2h30mim e foi composta pelos seguintes rituais: acolhida dos romeiros realizada pelos romeiros animadores e pelo pároco, no córrego Água Santa; momento da feira de troca de ementes e mudas, momento da memória e a celebração da missa.

O espaço sagrado da Água Santa, que já recebeu mais de 5mil pessoas, nos dois anos pandêmicos se limitou ao número de romeiros. As facilidades tecnológicas proporcionaram, mesmo que à distância, a essência de povo, de luta, de história, de fé e religiosidade, entre aqueles devotos e fiéis que, no conforto de suas casas, colaram seus corpos à disposição do sagrado.

Além das particularidades da Romaria da Bíblia, apresentadas no desenrolar desse escrito, lembramos que os romeiros da Romaria da Bíblia (São Felipe), os de Nossa Senhora Aparecida (São Paulo); e os do Ciro de Nazaré (Belém do Pará), em diferentes e longínquos espaços realizam práticas religiosas comum: o andar quilômetros e quilômetros de distância, o carregar cruzes e andores; o se deslocarem em multidões, como gestos e rituais de devoções são ritos que permitem ao romeiro sentir a presença do sagrado, seja ela manifestada em forma de elementos naturais, objetos ou pessoas.

No que diz respeito aos símbolos e significados atribuídos à Romaria da Bíblia, confirmamos a ideia de que os lugares simbólicos são (re)criados pela ocupação e uso das espacialidades humanas, visto que aqueles se referem as experiências impregnadas de simbolismo e não foram meramente descobertos, fundados ou construídos, mas sim reivindicados, possuídos e operados por uma comunidade religiosa formada por leigos.

Nessa lógica da sacralidade, são pensados os objetos (Bíblia, Cruz), os elementos naturais (água e terra), os rituais (caminhada, partilha, missa) e o humano (corpo, alma); a interligação e interdependências desse grupo de símbolos legitimam a existência e materialidade das divindades e mantém entre os romeiros a crença no sagrado como ponto de centralidade e ordenação do mundo e da própria existência.

Entre os símbolos, os rituais, os ritos e os significados da romaria o corpo é o elemento fundante do ser, estar e permanecer romeiro. O corpo carrega consigo o sagrado por onde for. Para aqueles que não sabem rezar, como posto na poesia de Renato Teixeira, na epígrafe deste escrito, basta mostrar seu olhar, seu olhar, seu olhar, este que é o espelho da alma.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. *Geografia Cultural: um modo de ver*. Goiânia: Gráfica UFG, 2018.

CARVALHO, José Rodrigues de. *Território da religiosidade: fé, mobilidade e símbolos na construção do espaço sagrado da romaria do Senhor do Bonfim em Araguacema, Tocantins*. Dissertação. Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2014.

Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/3045>.
Acesso em: 09 jul. 2021.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo; Editora WMF Martins Fontes, 2010.

EMATER. *Cadastros Ambientais Rurais (CAR)*. Emater de São Felipe d'Oeste, Rondônia, 2021.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

OLIVEIRA, Ovídeo Amélio de. *Geografia de Rondônia - Espaço e Produção*. Dinâmica Editora e Distribuidora LTDA, 2005.

ROSENDAHL, Zeny. O espaço, o sagrado e o profano. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

ROSENDAHL, Zeny. *Uma procissão na Geografia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

SANTOS SILVA, Avacir dos. *Culturas desviantes: andanças amazônicas pelo Vale do Guaporé –Goiânia*, Editora: UFG, 2014.

SANTOS SILVA, Avacir Gomes dos Santos. *Maná, carisma e hierofania: compreensões do sagrado para a Geografia da Religião*. Ateliê Geográfico (2019). Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie>. Acesso em: 26 jun. 2021.

TEIXEIRA, Faustino. *Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo*. Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 14-33, set. /nov. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13452>. Acesso em: 05 jul. 2021.

Nossos agradecimentos sinceros as romeiras e aos romeiros da Romaria da Bíblia de São Felipe d'Oeste (Rondônia), que de maneira direta ou indireta colaboraram com a nossa pesquisa sobre a "Romaria da Bíblia: espacialidades e colonização". Agradecimentos especiais a Banca Examinadora composta pela Profa. Dra. Márcia Maria de Oliveira e a Profa. Dra. Rosilene Komarcheskipelas valiosíssimas contribuições e indicação para publicação da pesquisa.

O presente artigo é um recorte da pesquisa acadêmica intitulada: "Romaria da Bíblia: espacialidades vivenciadas no processo de colonização em São Felipe d' Oeste (Rondônia)". Os resultados da pesquisa foram apresentados e defendidos pela acadêmica Ms. Fernanda Alexandre, sob a orientação da Profa. Dra. Avacir Gomes dos Santos Silva, em 2020, no Curso de Educação do Campo, no Campus de Rolim de Moura, Universidade Federal de Rondônia.

Avacir Gomes dos Santos Silva

Pós-doutoramento pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia. Atualmente é Professora Efetiva da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), onde atua no Curso de Pedagogia, Campus de Rolim de Moura.

Rua J, 2590, Loteamento Assis Barroso, Jardim Tropical, Rolim de Moura, Rondônia, cep: 76940-000.

E-mail: avacir.santos@unir.br

Orcid: 0000-0003-0253-5140

Fernanda Alexandre

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Graduada do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal de Rondônia. Atualmente é Professora de Geografia do CETEC Abaitará, Pimenta Bueno, Rondônia.

Rua Ronaldo Aragão, 517, centro, São Felipe d'Oeste, Rondônia, cep: 76970-000.

E-mail: allexandre.fer@gmail.com

Recebido para publicação em novembro de 2023.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2024.